

Duas lunetas mágicas

NORMA WIMMER*

RESUMO: Simplício, o protagonista de *A Luneta mágica* (1868), de Joaquim Manoel de Macedo, dizia-se duplamente míope: física e moralmente. Por essa razão foi levado ao estabelecimento de um armênio que lhe forneceu lentes mágicas. Estas deveriam permitir-lhe enxergar melhor o mundo e as pessoas. O farmacêutico Hans Schnaps de *La lunette de Hans Schnaps* (1859), um dos contos fantásticos de Erckmann-Chatrion, cria uma lente mágica cujo poder é o de ler o pensamento das pessoas. Neste artigo, de caráter comparativo, pretendemos demonstrar o sentido alegórico dos dois textos e o papel, em ambos, representado pelo objeto mágico.

PALAVRAS-CHAVE: Erckmann-Chatrion; fantástico; *A luneta mágica*; *La lunette de Hans Schnaps*; Joaquim Manoel de Macedo.

ABSTRACT: Simplício, the protagonist in Joaquim Manoel de Macedo's *A luneta mágica* (1868), claimed to be doubly shortsighted: both physically and morally. For this reason he was taken to the shop of an Armenian who supplied him with magic lenses. These should enable him to better see the world and people. The pharmacist Hans Schnaps, from *La lunette of Hans Schnaps* (1859), one of the fantastic tales by Erckmann-Chatrion, creates a magic lens that can read people's thoughts. This comparative article seeks to evince the allegorical meaning of these two texts and the role of that magical object in them.

KEYWORDS: *A luneta mágica*; Joaquim Manoel de Macedo; *La lunette de Hans Schnaps*; Erckmann-Chatrion; Fantastic.

* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: wimmer@ibilce.unesp.br

Joaquim Manoel de Macedo (1820 – 1882) foi um dos grandes nomes de nosso Romantismo; o conjunto de sua obra caracterizou-se pela representação dos costumes da ascendente burguesia do Rio de Janeiro, do tempo em que viveu. É conhecido o sucesso de público e de crítica alcançado, ainda no século XIX, por *O Moço loiro* (1845) e pela *Moreninha* (1841), este último um dos mais reeditados romances brasileiros. *A Luneta Mágica*, publicada sob forma de folhetim, a partir de março de 1868, na *Semana Ilustrada* apareceu, em volume, em 1869.

Em 1859, sob a dupla assinatura Erckmann-Chatrion, na *Revue Française*, surgiu *La lunette de Hans Schnaps* (ou *Les lunettes de Hans Schnaps*); este conto foi integrado, em 1860, aos *Contes fantastiques*, publicados pela editora de Hetzel. Na verdade, a assinatura corresponde a dois autores: Émile Erckmann (1822-1899) e Alexandre Chatrion (1826-1890), o primeiro, nascido na região da Lorena, o segundo nos Vosges. Os dois escritores, no entanto, são conhecidos como alsacianos e comprometidos, segundo Marcel Schneider (1985, p. 196), com uma escrita popular de linguagem bastante simples. A Alsácia do século XIX reflete fortes marcas germânicas; estas ressoam, efetivamente, na extensa produção dos dois autores a qual retoma, em uma espécie de epopeia popular — os intitulados *Contes et romans nationaux et populaires* — o período compreendido entre 1775 e 1885. Trata-se, portanto, de um vasto painel da vida do povo de sua região desde os anos imediatamente anteriores à Revolução Francesa até alguns anos após a perda, com a derrota francesa na guerra Franco-Prussiana de 1870, das regiões da Alsácia e da Lorena. A parceria literária iniciou-se em 1847 e durou até 1887, ano em que os dois se desentenderam.

Em seu estudo sobre o conjunto da obra de Erckmann-Chatrion, Armand Roth (1975) nela observa três correntes temáticas: os temas lendários e fantásticos; os civis e domésticos e, finalmente, os temas militares e guerreiros. No que diz respeito aos temas civis e domésticos, estes não se filiam a um modismo, como ocorre com os temas do fantástico, mas parecem remeter ao que melhor os autores conhecem: a vida e as personagens de sua região. As narrativas agrupadas sob essa rubrica são, em geral, bastante longas e nelas evidencia-se o comprometimento com a vida cotidiana, constantemente representada em um tom otimista que irritava profundamente ao sempre pessimista Zola (1866), o qual — certamente em decorrência de seu compromisso e entusiasmo pelas teorias do Naturalismo — nelas via um retrato fiel da realidade física e material do meio e das pessoas mas, ao mesmo tempo, uma eterna mentira na pintura da “alma” das personagens, representadas, segundo ele, de maneira por demais ingênua e edulcorada. Na verdade, a impressão de alegria transmitida por esse tipo de narrativa parece provir da suposta intenção dos autores de filiar as descrições desenvolvidas em seus textos a obras da pintura flamenga ou holandesa, ou então às composições de Greuze (1725-1805), cujas cenas — ora calmas e tranquilas, ora transbordantes de atividade profissional — são animadas por personagens retratados em minúcias.

Os períodos dramáticos da história são descritos nos textos de temática militar e guerreira (isto é, em romances e contos históricos) nos quais é enfatizada a ação do povo da região enquanto ator de uma epopeia de caráter nacional.

Quanto ao fantástico, em 1847, quando passaram a trabalhar juntos, este já vinha, em Paris, perdendo o vigor e o prestígio inicial; na província, entretanto, Hoffmann e Poe eram ainda muito admirados e bastante lidos em traduções. Erckmann-Chatrion, admiradores de Hoffmann, escreveram textos fantásticos como primeira tentativa de obtenção de sucesso literário. Como discípulos fiéis do escritor alemão (Chatrion não teria hesitado em fazer a redação de *Le Bourgmestre en bouteille* (1856) passar por um conto alemão e a associá-lo ao nome de Hoffmann) pretendem tirar o leitor do estreito círculo da mesquinha vida cotidiana, levando-o a conhecer novas versões e visões do mundo e da existência. É também possível que o interesse pelo fantástico estivesse associado à disposição pessoal de Émile Erckmann e à sua viva curiosidade por fenômenos psíquicos e metafísicos como o sonho, a transmissão de pensamentos, o sonambulismo ou a migração das almas, temas do fantástico em geral e bastante explorados no decorrer do século XIX. Ora, estas manifestações ocupam um lugar importante no imaginário popular, notadamente naquele das pessoas que vivem em localidades afastadas e no campo e a elas, bem como às interpretações “pseudo-científicas” remete, ainda conforme Armand Roth (1975a; 1975b), o fantástico produzido pelos dois parceiros. O caráter popular e a cor local, enfatizados pelo realismo do cenário e das personagens, na opinião do crítico, também realçam o caráter fantástico das produções, pois quanto mais a realidade se afigura, à primeira vista, sólida, familiar e tranquila — mais a irrupção repentina de um fato sobrenatural se torna perturbadora, inquietante e assustadora.

Narrada na primeira pessoa do singular, pelo médico Dr. Bénédum, a ação de *La lunette de Hans Schnaps* se passa em Mayence (Mogúncia, Alemanha), na farmácia do protagonista. Seria interessante observar, em primeiro lugar, a importância deste tipo de narrador em textos de caráter fantástico: o emprego da primeira pessoa verbal não apenas enfatiza a visão subjetiva do ocorrido, como também contribui, de certa forma, para a aceitação da “verdade” do fato contado. A perspectiva oferecida por um “eu” serviria, nesse sentido, como uma espécie de testemunho cujo objetivo seria, talvez, o de angariar a empatia do leitor para a apreciação/construção dos eventos relatados.

A descrição física deste Hans Schnaps é perfeitamente compatível com seu local de trabalho e com a região em que atua (ocorre aqui a integração entre o indivíduo e o ambiente, como a demonstrava Balzac). Sua bizarra fisionomia remete, por sua vez, à pintura, conforme sugerem os próprios autores: Hans era “um original, de nariz comprido, de olhos cor de cinza e sorriso irônico. Seu grande chapéu de feltro, seu casaco de lã avermelhada, sua barba pontuda faziam tomá-lo por um artista flamengo” (ERCKMANN-CHATRIAN, 1963, p. 351 - tradução nossa)¹.

O personagem tem uma paixão; as experiências que desenvolvia no porão de seu estabelecimento comercial, um local “alto, largo espaçoso, perfeitamente seco... cheio de lunetas gigantescas, de espelhos planos, esféricos, parabólicos, de prismas, de cristais e de

¹ No original: “C’était un singulier original, le nez long, les yeux gris, la lèvre moqueuse. A voir son large feutre, sa casaque de bure rougeâtre, sa barbe taillée en pointe, vous l’eussiez pris pour un artiste flamand” (ERCKMANN-CHATRIAN, 1963, p. 351).

lentes erguidas sobre tripés” (ERCKMANN-CHATRIAN, 1963, p. 352)²: um “cafarnaum” de vidros capazes de distorcer, ampliar, reduzir, desfigurar ou reconfigurar qualquer realidade, portanto. Em seu porão-laboratório, o farmacêutico cria uma luneta mágica — uma espécie de caleidoscópio com as virtudes do daguerreótipo e as do telescópio — dotada do especial poder de tornar concreta a visão dos pensamentos e dos desejos das pessoas, já que o cérebro, segundo o farmacêutico, seria uma espécie de “instrumento de ótica com mil facetas” (ERCKMANN-CHATRIAN, 1963, p. 356)³; as emanções mentais poderiam sair do cérebro e, por refração imprimir-se em uma substância química, acrescida à lente da luneta. Este procedimento tornaria possível o conhecimento e a visão dos pensamentos das pessoas. Tal luneta tornou-se, é claro, objeto do desejo do Dr. Bénédum o qual, visando seus próprios interesses comerciais e a possibilidade de obtenção de lucro certo através de sua comercialização, estimula Schnaps a divulgar e popularizar o invento — a que, evidentemente, o farmacêutico se nega. Schnaps acaba enlouquecido por ter usado abusivamente da luneta.

O tema do fantástico fundamenta-se, neste conto, sobre o “objeto mágico” — neste caso, sobre a luneta que viabiliza a visão de todos os pensamentos das pessoas. Ironicamente, o nome da personagem, Hans Schnaps, pode sugerir ao leitor a possibilidade de alguma hesitação com relação à veracidade ou à seriedade das propriedades da luneta. A palavra “Schnaps” — pinga, em alemão — funcionando como uma espécie de epíteto referente a Hans, não poderia indicar que, à visão privilegiada oferecida pelo instrumento, corresponderia alguma deformação desencadeada, na mente do protagonista, pelos delírios decorrentes do uso de bebida alcoólica?

Joaquim Manoel de Macedo publica pela primeira vez *A luneta mágica* em 1868. Trata-se das aventuras e desventuras de Simplício, também narradas em primeira pessoa e desencadeadas pela posse e uso de três lunetas a ele oferecidas por um mágico armênio. Logo no primeiro capítulo, Simplício informa ao leitor ter nascido sob a influência de uma estrela maligna e, em decorrência deste infortúnio, ser duplamente míope: fisicamente (pois era incapaz de distinguir, mesmo de muito perto, um girassol de uma violeta) e moralmente (dizia-se escravo das ideias dos outros porque jamais tinha conseguido ajustar duas ideias suas). Simplício é levado para conhecer um mágico armênio disposto a curá-lo de sua cegueira; este possuía, nos fundos de um armazém, um gabinete, no qual exercia sua arte. Tratava-se de um recinto “todo pintado de negro, tendo em branco os caracteres especiais de todos os dias da lua marcados pelas vinte e duas chaves do Tarot e pelos sinais dos sete planetas; no meio do teto, também negro, via-se a figura do pentagrama em vermelho vivíssimo” (MACEDO, 1971, p. 25). O gabinete estava arranjado com um altar de magia sobre o qual descansavam vários objetos: a vara mágica, a espada, a taça e a lâmpada além de globos, triângulos, da figura do diabo, da estrela de seis raios e de uma infinidade de outros símbolos... Quanto ao armênio, este surge diante de um Simplício, já bastante assustado com

² No original: “(une cave) haute, large, spacieuse, parfaitement sèche... encombrée de lunettes gigantesques, de miroirs planes, sphériques, paraboliques, de prismes, de cristaux et de lentilles montées sur trépied...” (ERCKMANN-CHATRIAN, 1963, p. 352).

³ No original: “un instrument d’optique à mille facettes” (ERCKMANN-CHATRIAN, 1963, p. 356).

a “decoração” do local, vestindo “simples túnica cinzenta com caracteres bordados em seda cor de laranja, tendo ao pescoço uma medalha de chumbo com o sinal cabalístico de Saturno e as palavras ou nomes — Amalec, Aphiel, Zarabiel” (MACEDO, 1971, p. 25). Na cabeça trazia uma espécie de barrete branco, triangular, marcado, em preto, com um pentagrama.

Invocados os espíritos elementares (ondinas, salamandras, silfos e gnomos) e lançadas sobre o fogo pequenas porções de produtos conhecidos por seus efeitos nas artes da magia — diagrídio, escamônea, pedra-ume, enxofre, assa-fétida — iniciou-se a operação de incrustação de uma salamandra sobre uma lente armada em um aro de ouro, impresso com uma letra cabalística. Estava pronta a luneta mágica e estabelecido o pacto que permitiria a Simplício enxergar com clareza. Associada a seu uso havia, no entanto, uma restrição: se fixada sobre o rosto de uma pessoa por mais de três minutos, a luneta mágica revelaria sua maldade inata — as falhas de seu caráter e o conseqüente alcance das distorções de sua personalidade sobre a sociedade e sobre as instituições. Revelam-se, portanto, ao curioso Simplício, que — naturalmente — fixou sobre as pessoas o olhar enfeitiçado pela lente, o mal, as mazelas morais dos parentes, dos desconhecidos, da sociedade.

Abalado por tal visão, perseguido por todos aqueles que não mais conseguiam aparentar uma moral inquestionável, Simplício destrói o monóculo encantado e, novamente, é levado ao armênio mágico que lhe oferece uma segunda luneta: novo ritual, novas esperanças frustradas, pois esta, se fixada sobre as pessoas pela mesma fração de tempo, revelava apenas seu lado “bom”. Através da otimista lente, toda maldade resultaria em algo bom e positivo. Por conseguinte, apesar das lunetas, Simplício continua míope moral: ele não consegue distinguir, nem por si, nem com a ajuda das lentes, a relatividade do bem e do mal.

Finalmente, após uma terceira interferência, o mágico lhe oferece a lente do “bom-senso”; por cláusula contratual, a visão por ela oferecida não pode ser revelada; considerada a excelência do invento e a necessidade do “mercado”, o armênio iniciaria sua fabricação em maior escala...

A *luneta mágica* acaba, portanto, sendo um escrito de caráter alegórico: a lente do “mal” e a lente do “bem” revelam, de modo maniqueísta, os limites e as contingências dos indivíduos e da sociedade, enquanto a visão obtida através da lente do “bom-senso” não pode ser revelada. Evidencia-se ainda que, mesmo se aceitarmos as propriedades mágicas das lentes, sua existência vincula-se à possibilidade de, através delas, ser possível realizar uma crítica às instituições sociais — principal objeto da escrita de Macedo, cuja preferência pela redação de romances de costumes revela o intento de retratar a crescente e emergente burguesia da capital do império em meados do século XIX. Neste sentido, de forma diversa do que ocorre em muitos textos fantásticos, não aparece, no texto publicado em volume, nenhuma menção à sua filiação.

Conviria ainda mencionar aqui, retomando Flora Süssekind (1966), que o tema da “lente mágica” também já tinha sido vinculado por Hoffmann, no “conto de fadas humorístico” *Meister Floh*⁴ (1821-1822) no qual, ao protagonista Peregrinus Tyrs, é oferecida a possibilidade

⁴ *Mestre pulga*.

de ler, graças à uma minúscula lente, fornecida por um inseto falante, invisível para todos e usada na pupila, os pensamentos das pessoas. Lunetas mágicas aparecem também em *L'homme au sable*⁵, também de Hoffmann, não constituindo, no entanto, o elemento desencadeador desse conto. Não parece inviável, levando em conta a data de publicação do conto alemão e considerando-se o trânsito de jornais, revistas e livros europeus no Brasil do século XIX, por um lado e, por outro, o interesse despertado pelos textos de caráter fantástico de Hoffmann nos dois autores alsacianos — que a comum inspiração para seus textos tenha sido, justamente, *Meister Floh*.

Finalmente tratamos, aqui, de textos de temática comum, mas de gêneros diferentes (um conto bastante curto e um romance bastante longo). As características dos gêneros implicam, é evidente, uma abordagem mais sintética e mais comprometida com certo “tom” científico por parte dos autores europeus (afinal, Hans Schnaps era “farmacêutico” e não mágico, nem cabalista) e com as exigências do gênero conto: concisão, número reduzido de personagens, a tendência à unidade de ação. O texto brasileiro acaba sendo mais prolixo; o “clima mágico” e a análise social são, conseqüentemente, mais explorados. Neste sentido, parece ser preciso levar em conta também o fato de que, mesmo produzidos inicialmente sob a forma de folhetim, os romances de Macedo acabam, de certa maneira, devendo sua extensão a essa forma de suporte por contribuírem, supõe-se, para atender e aumentar a curiosidade dos leitores com relação à intriga, bem como para oferecer a possibilidade de atender a seu desejo de evasão e entretenimento e, por isso mesmo, garantir o sucesso de vendas dos jornais. Além disso, no caso específico de Macedo, seu sucesso parece também remeter muito claramente ao fato de o público reconhecer-se em seus escritos.

Como conclusão, evidencia-se que, nas obras analisadas, a temática do fantástico serve aos dois autores de pretexto para tecer considerações acerca do meio em que inserem seus personagens e dos valores impostos pelas sociedades nas quais estavam inseridos — o que nos acaba levando a optar por uma interpretação alegórica de seus escritos. Neste sentido, a construção dos textos, desencadeada pela presença do objeto mágico, deixa-nos nos limites do gênero — naquele tipo de composição em que não há nem monstros, nem vampiros — mas a constatação do absurdo e da fragilidade a que são, por vezes, submetidas as relações interpessoais retratadas a partir de uma situação ou de um objeto fantástico.

WIMMER, N. Two Fantastic Magic Lunettes. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 8, n. 2, p. 186–192, 2016.

Referências

ERCKMANN-CHATRIAN. La lunette de Hans Schnaps. In: _____. *Contes fantastiques*. Paris: Jean-Jacques Pauvert éditeur, 1963. p. 351-359.

⁵ *O homem de areia*.

JACCARD, M-C. Erckmann-Chatrion et le fantastique, *Europe - Revue littéraire mensuelle*, Paris, n. 549-550, p. 80-98, janvier-février, 1975.

MACEDO, J. M. *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 1971.

MILLET, G.; LABBÉ, D. *Le fantastique*. Tours: Belin, 2005.

ROTH, A. Erckmann-Chatrion écrivains du peuple. In: *Revue Europe*, Paris: Les Editeurs Français Réunis. 53^e année, p. 8-26, jan.-fév./1975.

SCHNEIDER, M. *Histoire de la littérature fantastique en France*. Paris: Fayard, 1985.

SÜSSEKIND, F. O sobrinho pelo tio. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, 1966. v. 1, p. 30-43 . Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/lis/issue/view/15>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

ZOLA, E. *Mes haines: causeries littéraires et artistiques*. Paris: Achille Faure Libraire-Éditeur, 1866.

Recebido em: 30/06/2016.

Aceito em: 12/08/2016.